



Incidentes na Vida de Helena Blavatsky

© 2020 – Conhecimento Editorial Ltda

Incidentes na Vida de
Helena Blavatsky
*(Incidents in the Life of
Helena Blavatsky)*

A. P. Sinnett

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Fone/Fax: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br

vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação –, sem permissão, por escrito, do Editor.

Tradução: M. P. Moreira Filho

Colaborou nesta edição: Fernando Mansur Barbosa

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho

Ilustração da capa: depositphotos

ISBN 978-65-5727-017-2

1ª edição – 2020

• Impresso no Brasil • Presita em Brasília

Produzido no Departamento Gráfico de

CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – 13485-150

Fone: 19 3451-5440 – Limeira – SP

A. P. Sinnett

Incidentes na Vida de Helena Blavatsky

(1831 – 1891)

1ª edição – 2020



SUMÁRIO

Prefácio	7
Introdução	11
I – Infância	18
II – Casamento e Viagens	46
III – Regresso à Rússia: 1858	63
IV – Narrativa de Madame Jelihovsky	71
V – Narrativa de Madame Jelihovsky (cont.)	89
VI – Narrativa de Madame Jelihovsky (final)	104
VII – Do Aprendizado à Obra	118
VIII – Permanência nos Estados Unidos	128
IX – Instalação na Índia	168
X – Viagem à Europa	199
Apêndice	249
Posfácio de <i>Murillo Nunes de Azevedo</i>	251

PREFÁCIO

As PÁGINAS que se seguem contêm tantas coisas suscetíveis de ferir as teorias convencionais existentes sobre o que é possível, ou digno de crédito, que estou certo de que esta narrativa vai enfrentar o escárnio dos escritores que situam os recursos da Natureza dentro dos limites de sua própria experiência, julgando-se capazes de avaliar os poderes acessíveis à humanidade raciocinando ao nível de um exame universitário. À nossa volta, mesmo em Londres, ocorrem atualmente fenômenos psíquicos que ultrapassam essa concepção da vida e são do conhecimento direto de centenas de pessoas – poderíamos dizer de milhares, se levarmos em conta toda a Inglaterra. Essas pessoas reúnem-se em grupos ou em Sociedades, e se divertem ou se aborrecem, conforme o caso, quando vêem a multidão ignorante e obstinada que se tem na conta de guarda avançada da civilização e da cultura afastar-se desdenhosamente desse Conhecimento que está vindo à luz em nossa atual geração, mas que para os que sabem apreciá-lo é certamente o mais sublime que a inteligência humana pode adquirir. Essa atitude desdenhosa é, possivelmente, a resultante de inúmeras tendências disseminadas em nossa época; seja o espesso materialismo que não consegue encarar a consciência senão como simples função da carne e do sangue onde vão ter todos os seus sonhos de prazer e seus gemidos de dor; seja a cegueira do intelecto prosternado ante

o sucesso da ciência física, realmente sedutora dentro de seus limites; seja, enfim, produto da grosseira preferência a deixar-se levar ao sabor da correnteza ao invés de enfrentar o ridículo e o desprezo da massa, num desejo humano de sempre fazer coro com a maioria.

Mas, ao mesmo tempo em que afirmam alegremente a própria superioridade insultando os representantes do partido psíquico, os partidários da incredulidade ortodoxa aparentemente se esquecem de uma coisa que, no entanto, deveriam ter em mente. E embora procurem evitar o escárnio da maioria, sua atitude chega a parecer absurda àquela minoria possuidora do conhecimento pessoal da verdade da qual eles se riem.

E na medida em que progride a revelação oculta, os que dela se riem afundam cada vez mais no atoleiro em que vivem. Aumentam continuamente seu próprio débito para com o conhecimento que cresce cada vez mais; e sua derrota final será particularmente humilhante. A princípio, pedia-se apenas que eles reconhecessem a ocorrência de fatos anormais que precisavam ser explicados. Era uma chuva que não molhava a todos, justos e injustos, como a chuva dos céus, mas tão copiosa que um espírito sensato, baseando-se no testemunho dos que estavam sendo molhados, teria imediatamente a certeza de que chovia realmente em alguns lugares. Mas, apesar da sua tolice, a incredulidade estava na moda. Era a profissão de fé dos oportunistas e materialistas, como também daqueles para os quais a religião é, sobretudo, uma questão de respeitabilidade. A chuva continuou a cair com mais violência, mas as opiniões dessa natureza, não tendo por base a razão, não são abaladas pelos fatos. O partido das descobertas psíquicas ia-se tornando cada vez mais forte; entretanto, o grande público continuava deixando-se enganar por seus líderes vaidosos e de mentalidade tacanha, incapazes de reconhecerem os próprios erros. Até hoje, o orgulho de todos os que adotaram uma atitude de descrença para com os fenômenos psíquicos obriga-os a permanecerem numa posição intelectual absurda: exigem a realização de experiências pessoais, como se apenas mediante essa condição concordassem em estudar as ob-

servações efetuadas por terceiros. Dão a impressão de que se supõem os derradeiros representantes de sua própria loucura e que, aceitando uma convicção, todos os problemas em causa serão resolvidos, e ninguém mais será tão despropositado como eles o foram a seu tempo.

Se os fenômenos isolados e irregulares que durante os últimos trinta anos anunciaram a descoberta do psiquismo tivessem sido examinados com o cuidado que mereciam, ter-se-ia compreendido muito melhor as impressionantes provas de poderes psíquicos fornecidas durante a vida de Madame Blavatsky no decorrer dos últimos dez anos desse período. De qualquer forma, os livros sibilinos oferecidos ao mundo moderno aumentam de valor sem diminuir em número, se é que esse valor pode ser medido pela humilhação retrospectiva que deve acompanhar sua aceitação final. Mas, na verdade, não tenho a presunção de acreditar que os zombeteiros adeptos do sistema triunfante serão suficientemente sensatos para aproveitar a oportunidade que se lhe oferece de encontrar uma área comum de entendimento.

Continuarão ainda a zombar e a qualificar a descrição sincera dos incidentes aos quais este livro é consagrado de... Entretanto, não lhes farei o favor de revelar de que modo poderão encarar este livro, e desejo chamar a atenção dos leitores imparciais sobre uma ou duas importantes considerações. Se esta narrativa for recebida com ceticismo, desafio qualquer crítico a explicar mediante uma hipótese plausível o concurso das testemunhas sobre as quais se baseia. Vemos amigos e parentes de Madame Blavatsky narrar, por ocasião de sua mocidade, as constantes experiências de prodígios psíquicos que acompanharam toda a sua infância. Vemos os amigos de muitas nacionalidades, com os quais estive em contato em inúmeras ocasiões e em diversas partes do mundo, comprovar as extraordinárias maravilhas que presenciaram. Encontramos a história dos seus maravilhosos poderes nos jornais russos, americanos e hindus. Seria infantilidade pretender que todas essas testemunhas se uniram numa conspiração mentirosa; seria frivolidade pensar que todas foram vítimas de uma alucinação, de um sortilégio preparado pela heroína

deste livro, porque para tanto seria preciso conceder-lhe poderes psíquicos anormais e tão consideráveis como os que seriam negados por tal teoria. Portanto, que atitude tomar neste impasse?

O problema aí está, diante de nós, neste livro – a visão da vida de Madame Blavatsky baseada em inúmeras garantias. Os críticos poderão desprezá-lo, passar ao largo sem olhar, escarnecendo-o sem fazer o menor esforço para discuti-lo – como aquelas pegadas das florestas australianas que riem, tão conhecidas dos naturalistas.

Entretanto, não podem enfrentá-lo lealmente sem admitir que o limite das coisas possíveis na Natureza nada tem a ver com os códigos das leis naturais que receberam o *Imprimatur* da opinião ortodoxa até 1886. A convicção sobre a veracidade desta narrativa, em conjunto, mesmo que possa conter alguns erros ou exageros, deveria se impor a qualquer inteligência competente. Quanto aos outros, quando a verdadeira situação for reconhecida, quando o mundo tiver compreendido que o plano físico, com suas leis e suas forças maravilhosas é, na Natureza, uma grande e prodigiosa realidade, os piedosos zombadores da época rirão sempre, e sempre com a maioria; mas, em troca, estarão zombando da absurda incredulidade dos seus predecessores.

INTRODUÇÃO

É EXTREMAMENTE difícil narrar a história de alguém ainda vivo. Os acontecimentos de uma vida ainda ativa misturam-se forçosamente aos de outras vidas. A todo instante é preciso levar em conta suscetibilidades, razoáveis ou não; certas passagens que se gostaria de explicar detalhadamente devem ser tratadas com reserva para respeitar os grandes interesses em jogo, simplesmente porque seria necessário falar de pessoas que se recusam a qualquer publicidade ou desejam evitar as críticas a que ficariam expostas se se quisesse fazer inteira justiça ao personagem central do quadro. Além disso, se esse personagem principal, por um motivo ou outro, ocupa no mundo uma posição de destaque, é possível que já existam a seu respeito algumas impressões hostis. Ele ou ela podem merecer um grande respeito por parte de algumas pessoas e serem julgados por outras de modo inteiramente diverso; assim, em tais condições, é difícil para o biógrafo permanecer neutro, como sua posição o exige.

Por outro lado, é lamentável verificar que os que se transformaram em objeto das discussões gerais continuem incompreendidos, mesmo quando o panorama de sua vida, narrado com imparcialidade, possa refutar inteiramente os erros de interpretação. Portanto, pode-se também admitir que aqueles que se consagram ao serviço de uma causa ou de uma ideia vivem para seu trabalho – quer sejam glorificados em vida ou insultados pela opinião pública; basta-lhes saber que sua obra não morrerá com eles; observação que pode ser inteiramente aplicada a Madame Blavatsky. Entre os que desempenharam

um papel qualquer neste mundo, é apenas razoável que suas esperanças pessoais e suas aspirações tenham alcançado um ponto tão próximo de um objetivo que nada mais tenham em comum com os aplausos de sua época. Mas, por outro lado, é também natural que se tenham transformado em alvo de ataques tão persistentes e maldosos dos que, muitos anos depois, atiraram-se encarniçadamente contra ela.

É possível que, observando os fatos de um modo geral, pareça desnecessário tentar assumir a defesa dessa vida tão notável quando estão em jogo somente as considerações humanas: na verdade, ela influenciou beneficentemente inúmeros corações e espíritos para continuar por mais tempo enegrecida pela hostilidade de certos acusadores ou pelos erros inocentes, porém estúpidos, de outros. Portanto, é mais do que justo um esforço nesse sentido. Ademais, tenho razões para crer que este ensaio satisfará os desejos de todos os que, na Inglaterra e no exterior, sentem-se profundamente indignados pelos contínuos ataques desfechados contra Madame Blavatsky. Uma vida que conseguiu chamar a atenção, além do círculo já grande dos que se interessam pelos poderes psíquicos supranormais e que foi observada de perto, é compreendida facilmente por esse círculo. Durante doze anos, Madame Blavatsky viveu em diversos países e conheceu pessoalmente a inúmeras pessoas. Algumas dessas pessoas não a compreenderam e a julgaram erroneamente. Outras, atrevo-me a afirmar, muito mais numerosas, sentiram-se profundamente influenciadas pela elevação do seu ideal, por seu devotamento à própria obra, e pelos poderes que adquiriu... E todos, tenho a certeza, hão de julgar que chegou o momento de oferecer ao público a história de sua vida contida neste livro. Enfim, seja por suas próprias obras, seja pelas que provocou indiretamente, Madame Blavatsky exerceu sobre as correntes de pensamento relativas aos fenômenos superfísicos da Natureza uma influência que se fez sentir fora do círculo onde sua personalidade era conhecida e discutida.

Por isso, tornou-se necessário a todo estudante dos mistérios da Natureza, qualquer que seja sua posição nas pesquisas ocultas, avaliar com justiça seu caráter e a história de sua

vida; e num esforço para contribuir para tal resultado, sirvo interesses muito maiores que o de sua justificativa pessoal.

Além disso, é útil consignar num livro determinados fatos da existência de Madame Blavatsky durante a vida dos que podem falar autorizadamente sobre acontecimentos ocorridos na sua infância, da posição de sua família e de sua vida particular. As memórias que vou revelar são fragmentárias e incompletas, mas indiscutíveis como documentos. Muitas se baseiam numa intimidade de toda a vida com Blavatsky; outras, são devidas a pessoas amigas que com ela viveram e trabalharam durante muitos anos. E além das controvérsias irritantes, esta narrativa, tenho a certeza, excitará um interesse duradouro porque lança uma grande claridade sobre uma carreira original e notável, mesclada, para não dizer mais, de determinadas especulações que assumem um papel cada vez mais importante no pensamento mundial. Ao mesmo tempo, acredito firmemente que este livro provará o absurdo e a maldade de inúmeras acusações assacadas contra Madame Blavatsky pela imprensa, ou por escândalos particulares. Algumas dessas acusações tornaram-se tão ridículas a ponto de provocar mais hilaridade que indignação entre os de sua família, na Rússia, e os amigos íntimos dos seus últimos anos. Outras, porém, embora sem provas, causaram-lhe um sofrimento e uma angústia que sua vida não merecia, vida talvez errante, mas desinteressada no mais alto grau, ardente e incansavelmente devotada à procura do mais elevado ideal espiritual.

Os materiais que serviram para compor a narrativa que se vai ler são, como se poderá verificar, declarações verbais e cartas escritas por parentes próximos de Madame Blavatsky que a conhecem desde a infância, ou por outras pessoas que tiveram maior facilidade para entrar na sua intimidade durante seus últimos anos de vida. Ademais, procurei também tomar por base artigos publicados pela primeira vez há quatro ou cinco anos num periódico russo devido à pena da irmã de Madame Blavatsky, Madame Vera de Jelihovsky, escritora russa bastante conhecida, viúva dum funcionário civil que participara anteriormente do governo de Tiflis. Antes disso, desposara um oficial da Guarda, em São Petersburgo, quando

usava o nome de Madame de Yahontof – nome que surgirá constantemente nas páginas seguintes. Os artigos que vou citar como contribuição a este livro levavam o título de “A Verdade sobre H. P. Blavatsky”, a cujo respeito já se contavam coisas extraordinárias. Esses artigos contêm uma descrição detalhada dos fatos ocorridos durante os dois anos que Madame Blavatsky viveu em companhia da irmã, Madame Jelihovsky, comprovados por diversas testemunhas. Os mesmos artigos foram recentemente revistos e corrigidos pela autora para servirem à publicação desta obra.

O jornal russo que publicou os referidos artigos, o *Rebus*, apegava-se demasiadamente a determinadas concepções intransigentes no tocante à origem e à causa dos fenômenos que neles eram estudados. Por isso, a narrativa foi abreviada quando da sua publicação; a autora, porém, esforçou-se agora para devolvê-la o mais possível à sua forma primitiva graças ao manuscrito original que sempre conservou, e do qual pôde extrair as passagens que deixaram de ser publicadas por aquele jornal.

O nome de Madame Blavatsky tornou-se conhecido do público de língua inglesa pela primeira vez em 1877, quando da publicação da sua notável obra *Ísis sem Véu*, que trazia o seguinte subtítulo: *Chave dos Mistérios da Ciência e da Teologia Antigas e Modernas*. Mais tarde falarei desse livro – por enquanto, cabe-me apenas salientar que seu título algo sensacional não foi o inicialmente escolhido por Madame Blavatsky. O livro deveria chamar-se *O Véu de Ísis*, título incomparavelmente melhor, e uma parte da obra chegou a ser impressa com esse nome ao alto das páginas. Entretanto, antes da sua publicação verificou-se que outra obra de menor importância já havia sido publicada com o mesmo título alguns anos antes; assim, foi preciso que Blavatsky modificasse o título do seu livro para respeitar os direitos do primeiro autor e escolhesse imediatamente outro que não fosse muito diferente do que já estava impresso nas páginas do livro. Foi assim que nasceu o que tornou sua obra conhecida, obra cujo teor chocou os críticos delicados.

Esse livro chamou a atenção de todos os meios onde o

interesse pelos mistérios psíquicos ultrapassava o nível materialista e convencional, e os jornais da época, em Nova Iorque, ocuparam-se bastante da personalidade da autora, sobretudo por ter ela fundado pouco antes a Sociedade Teosófica, à qual seu livro emprestou uma nova importância. As atividades iniciais dessa Sociedade, nos Estados Unidos, jamais poderiam fazer prever a notável extensão que assumiria mais tarde em outros países. Como, porém, o objetivo dos artigos publicados na ocasião pelos jornais norte-americanos, sobre Madame Blavatsky, consistia simplesmente em explorar, escarhecendo com mais ou menos simpatia, o interesse demonstrado pelo público por quem quer que fosse que tivesse escrito sobre “a magia”, a cujo respeito circulavam histórias as mais estranhas, tais artigos exageravam tudo que pudesse criar uma atmosfera maravilhosa e, indiscutivelmente, são os responsáveis por muitas histórias absurdas sobre a idade de Madame Blavatsky e suas primeiras aventuras. Mas, na verdade, para ela teria sido difícil conseguir que acreditassem na sua história honesta e sem disfarces. Atualmente, o mundo sabe muito pouco sobre iniciações ocultas, e há dez ou doze anos sabia menos ainda. A Sociedade que fundou foi apenas um ensaio prudente destinado a revelar essas coisas ao público. Seu objetivo, pelo menos sob certo ponto de vista, consistia em tornar gradativamente conhecido o fato da natureza humana possuir realmente determinadas possibilidades de desenvolvimento; e para compreender a história que teria sido narrada por Madame Blavatsky, se foi absolutamente sincera durante seus primeiros tempos de atividade nos Estados Unidos, seria preciso reconhecer que esse objetivo foi plenamente realizado por homens dotados de poderes extraordinários, como aqueles cujas ordens ela se esforçava por obedecer. Hoje em dia é muito fácil, quando nos referimos à maneira pela qual Madame Blavatsky ofereceu sua obra ao mundo, criticar seus atos. Graças à experiência posteriormente adquirida, verificamos que muitos erros formam uma cadeia ininterrupta até há pouco. Contudo, serão estudados mais tarde desde que necessário para maior clareza da narrativa. Nosso objetivo primordial é o de oferecer ao leitor uma apreciação da obra e da vida de

Madame Blavatsky para que possa compreender desde logo determinados fatos, os únicos que explicam o que há de perturbador e inexplicável na sua conduta.

Na Índia, para onde Madame Blavatsky seguiu em 1879 acompanhada pelo Coronel Olcott, ela se tornou rapidamente uma celebridade. Os jornais descreviam constantemente suas extraordinárias experiências psíquicas, assistidas por inúmeras testemunhas. A fundação da sua revista, *The Theosophist* contribuiu para aumentar o renome da Sociedade; numerosos ingleses, que de uma forma ou de outra entregavam-se às pesquisas psíquicas ou espíritas do momento, interessaram-se vivamente por seus progressos; e, em 1881, a publicação do meu livro, *O Mundo Oculto*, deu forte impulso à curiosidade que a cercava. Mas, tanto a sua mocidade como suas aventuras continuavam envoltas num profundo mistério que ela não podia dissipar, seja porque não desejava fazê-lo, seja por ter sido impedida por uma autoridade à qual sempre obedeceu implicitamente.

O resumo quase completo de sua vida que se vai ler servirá, talvez, para tornar compreensíveis os derradeiros episódios que chamaram a atenção do público melhor que quaisquer explicações que não poderiam oferecer uma visão de conjunto; e, certamente, os resultados dos seus esforços durante os últimos dez anos são tais que seria preciso ignorar os fatos para não ver em sua vida uma força que influenciou o mundo de forma particularmente notável para justificar um estudo sério. Algumas palavras sobre a posição da Sociedade Teosófica na Índia servirão para comprovar esse fato. A segunda festa de aniversário, ou a Convenção da Sociedade, foi realizada em Madras, em dezembro de 1919. Nessa ocasião já existiam cento e vinte e uma Lojas da Sociedade, das quais cento e seis na Índia, Birmânia e Ceilão, uma na Inglaterra, uma na França, uma na Alemanha, seis nos Estados Unidos, uma na Austrália, uma na Grécia, uma na Holanda, uma na Rússia e uma nas Índias Ocidentais. Um inglês presente à solenidade assim a descreveu a um amigo em Londres: “Estavam presentes cerca de noventa delegados, alguns dos quais viajaram milhares de quilômetros. Fiquei profundamente impressionado pela posição desses ho-

mens. Entre eles havia juizes, advogados, professores, diretores de colégios, e somente poucos não possuíam títulos universitários iguais aos da Universidade de Londres. Quase todos os delegados mantêm-se fiéis à própria casta, cuja marca exibem na frente. Se nos lembrarmos de que essas diferentes castas jamais seriam encontradas em qualquer estrada antes do advento da Teosofia, poderemos apreciar devidamente o trabalho realizado pela Sociedade na Índia”.

É inegável que esses grandes resultados foram devidos em grande parte à inquebrantável energia do presidente da Sociedade, o Coronel Olcott, que seria o último a recusar-se a reconhecer que tudo procede, direta ou indiretamente, da iniciação de Madame Blavatsky; e somente isso seria suficiente para conferir interesse à sua vida se ela já não possuísse pessoalmente o extraordinário valor que lhe reconhecemos. Mas, na verdade, a história que vou narrar, sem falar dos resultados filantrópicos que lhe são atribuídos, é tão repleta de incidentes maravilhosos que nenhum observador honesto dos mistérios da Natureza pode-se dar ao luxo de desprezar. Entre os mil e um fatos extraordinários que acompanharam Madame Blavatsky por toda a parte, muito tem sido discutido em livros e revistas, e muitas vezes se esforçaram impensadamente em suprimir as dificuldades intelectuais que tais fatos acarretavam atribuindo-os à feitiçaria ou à impostura. As testemunhas, porém jamais faltaram; e para elas essas hipóteses eram insustentáveis. Em todo caso, quando se examina a vida de Madame Blavatsky com o auxílio dos documentos que pude encontrar para redigir este livro, a hipótese da impostura parece insuficiente para explicar a história em seu conjunto, história apoiada por tão numerosas testemunhas que a hipótese não passa de um refúgio para os críticos de Madame Blavatsky tão desprovidos de argumentos.

Foi sobretudo por essa razão que me pareceu necessário publicar imediatamente esta obra. De pequenos incidentes conhecidos isoladamente se podem extrair ideias falsas. Para o público em geral já é tempo de poder perguntar até onde essas ideias são possíveis, à luz da descrição relativamente completa que estou em condições de apresentar.

INFÂNCIA

O TIO de Madame Blavatsky, o general Fadeef, quando desempenhava as funções de Secretário de Estado do Departamento do Interior, em São Petersburgo, em 1881, fez-me, a meu pedido, as declarações que se seguem.

Madame H. P. Blavatsky (Helena Petrovna Blavatsky) – disse ele – é, pelo lado paterno, filha do Coronel Pater Hahn e neta do General Alexis Hahn von Rottenstern Hahn (uma família aristocrática do Mecklemburgo, Alemanha, estabelecida na Rússia); pelo lado materno é filha de Helena Fadeef e neta do Conselheiro Privado André Fadeef e da Princesa Helena Dolgorouky. É viúva do Conselheiro Privado Nicéforo Blavatsky, antigo Vice-Governador da província de Erivan, no Cáucaso.

A senhorita Hahn (nome que usaremos ao tratar de sua infância) nasceu em Ekaterinoslav, ao sul da Rússia, em 1831. A forma alemã correta do seu nome seria Von Hahn, mas os russos, ao empregá-lo quando falara ou escrevem em francês, usam a forma “de Hahn”; entretanto, na língua russa, essa partícula é geralmente suprimida.

Devo os detalhes seguintes sobre sua família a alguns de seus parentes interessados neste estudo.

“A família Von Hahn é largamente conhecida na Alemanha e na Rússia. Os Condes von Hahn pertencem a uma antiga linhagem do Mecklemburgo. O avô de Madame Blavatsky era primo da Condessa Ida Hahn Hahn, autora famosa cujas

obras são muito conhecidas na Inglaterra. Transferiu-se para a Rússia onde alcançou o posto de general e morreu ao serviço desse país. Casou-se com a condessa Proebstin, que depois de enviudar casou-se novamente com Nicolas Wassiltchikof, irmão do famoso príncipe do mesmo nome. O pai de Madame Blavatsky deixou o serviço ativo no posto de coronel logo após a morte de sua primeira esposa, Helena Fadeef, conhecida escritora do mundo literário entre 1830 e 1840 sob o pseudônimo de Zenaida R. foi a primeira romancista em língua russa; e apesar de ter falecido antes de completar vinte e cinco anos deixou uma bagagem de doze obras da escola romântica, a maior parte das quais foi traduzida para o alemão. Em 1846, o coronel Hahn casou-se pela segunda vez com a baronesa von Lange, que lhe deu uma filha, 'a pequena Lisa', assim chamada por Madame Jelihovsky em suas memórias publicadas em São Petersburgo. Pelo lado materno, Madame Blavatsky é neta da princesa Dolgorouky, após cujo falecimento extinguiu-se o ramo mais velho da família. Portanto, seus ancestrais maternos pertencem às mais antigas famílias do império, uma vez que descendem em linha reta do príncipe (ou grão-duque) Rurik, primeiro soberano da Rússia. Muitas senhoras dessa família pertenciam à Casa Imperial e chegaram a ser czarinas pelo casamento. Realmente, uma certa princesa Dolgorouky (Maria Nikitishna) casou-se com o avô de Pedro, o Grande, o czar Michel Feodorovitch, o primeiro dos Romanos a subir ao trono; outra, a princesa Catherina Alexeevna, estava para se casar com o czar Pedro II quando este morreu inesperadamente pouco antes da cerimônia.

Uma estranha fatalidade parece ter perseguido constantemente essa família nas suas relações com a Inglaterra; e suas maiores desventuras estão ligadas de uma forma ou de outra a esse país. Muitos de seus membros morreram, outros caíram em desgraça política quando a caminho de Londres. A última dessas tragédias, e a mais interessante, foi a que atingiu o príncipe Sergey Gregoreevitch Dolgorouky, avô da avó de Madame Blavatsky, então embaixador na Polônia. Quando a arquiduquesa Ana de Courlande subiu ao trono da Rússia, muitos nobres pertencentes às maiores famílias foram apri-

sionados ou exilados por terem lutado contra seu favorito de infame memória, o chanceler Biron; outros, foram condenados à morte e suas fortunas confiscadas. O príncipe Sergey Dolgorouky teve a mesma sorte. Foi exilado para Berezof, na Sibéria, sem nenhuma explicação, e sua fortuna pessoal de 200.000 servos confiscada. Seus dois filhos foram condenados: o mais velho, colocado como simples aprendiz de um ferreiro de aldeia; o caçula enviado para Azof como soldado raso. Oito anos depois, a imperatriz Ana Iaxnovna anulou o exílio do príncipe e mandou-o para Londres como seu embaixador. O príncipe, que conhecia Biron muito bem, remeteu para o Banco da Inglaterra a soma de 100.000 rublos, que deveria permanecer intacta durante um século, com capital e juros acumulados, para, findo esse período, ser distribuída aos seus herdeiros diretos. Seus pressentimentos não o enganaram. A caminho da Inglaterra, e sem ter ainda chegado a Novgorod, foi preso e esquartejado. Quando, depois, a Imperatriz Elisabeth, filha de Pedro, o Grande, subiu ao trono, seu primeiro cuidado foi o de reparar as cruéis injustiças praticadas por sua antecessora com o auxílio de seu cruel e astuto favorito, Biron. Entre outros exilados, os dois filhos e herdeiros do príncipe Sergey foram chamados e receberam de volta a fortuna da família. Mas, em lugar dos antigos 200.000 servos não restavam senão 8.000. O caçula, após uma juventude de extrema miséria e enormes sofrimentos, fez-se monje e morreu ainda moço. O mais velho casou-se com uma princesa Romadanowsky; e seu filho, o príncipe Paulo, bisavô de Madame Blavatsky, foi nomeado coronel da Guarda Imperial quando ainda criança. Casou-se com uma condessa du Plessy, filha de um nobre Huguenote francês emigrado para a Rússia. Seu pai desempenhou um cargo na Corte da Imperatriz Catarina, a Grande, de quem sua mãe era a dama de honra favorita.

Após aquele período de cem anos, os 100.000 rublos atingiram proporções formidáveis. O recibo dessa quantia, passado pelo Banco da Inglaterra, fora confiado por um amigo do príncipe assassinado por questões políticas ao neto do depositante, o príncipe Paulo Dolgorouky, que o guardava com outros papéis de família em Marfovka, a grande propriedade